



Rascunhos para a história da imprensa de Rondônia: resgate do passado pelas memórias e períodos de formação dos jornais impressos

Allysson MARTINS¹
Sandro COLFERAI²

Resumo:

A historiografia de Rondônia tem sido periodizada em Ciclos Econômicos, embora não haja consenso, com os Ciclos da Borracha (1870-1945), da Mineração (1950-1971) e da Colonização (1970-2010). A segmentação da história da imprensa rondoniense a partir desses três ciclos principais parece ser adequada, especialmente se considerarmos que os jornais funcionam como uma memória coletiva de uma cidade ou um estado. Este texto tem como objetivo apresentar os principais jornais impressos de Rondônia, como agentes e fontes em cada período histórico, evidenciando quais deles são essenciais para se contar a história do Estado, considerando a capital e as cidades do interior. Entre os veículos, destaca-se o Alto Madeira, ao atravessar, de modo ininterrupto, todos os momentos históricos de Rondônia, circulando por exatamente um século.

Palavras-chave: História. Memória. Imprensa. Rondônia.

Drafts for the history of the press of Rondônia: rescue of the past by the memories and periods of formation of the printed newspapers

202

Abstract:

The historiography of Rondônia has been periodized in Economic Cycles, although there is no consensus, with the Rubber Cycles (1870-1945), Mining (1950-1971) and Colonization (1970-2010). The segmentation of the history of the Rondonian press from these three main cycles seems to be adequate, especially if we consider that the newspapers function as a collective memory of a city or a state. This text aims to present the main printed newspapers of Rondônia, as agents and sources in each historical period, showing which of them are essential to tell the history of the State, considering the capital and cities of the interior. Between the vehicles, it's possible to emphasize the Alto Madeira when crossing, in uninterrupted way, all the historical moments of Rondônia, circulating by exactly one century.

Keywords: History. Memory. Press. Rondônia

¹ Professor de Jornalismo e coordenador do MÍDI – Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais e Internet na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail:* allyssonviana@gmail.com.

² Professor de Jornalismo e coordenador do COMtatos – Grupo de Pesquisa em Espaços e Temporalidades Comunicacionais na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). *E-mail:* sandro.colferai@unir.br.





Bosquejos de la historia de la prensa en Rondônia: rescate del pasado por las memorias y períodos de formación de los periódicos impresos

Resumen:

La historiografía de Rondônia se ha periodizado en Ciclos Económicos, aunque no hay consenso, con los Ciclos de Goma (1870-1945), Minería (1950-1971) y Colonización (1970-2010). La segmentación de la historia de la prensa en Rondônia basada en estos tres ciclos principales parece ser adecuada, especialmente si consideramos que los periódicos funcionan como memoria colectiva de una ciudad o un estado. De esta manera, este texto tiene como objetivo presentar los principales periódicos impresos en Rondônia, como agentes y fuentes en cada período histórico, mostrando cuáles son esenciales para contar la historia del Estado, considerando la capital y las ciudades del interior. Entre los vehículos, se destaca el Alto Madeira, al cruzar, de manera ininterrumpida, todos los momentos históricos de Rondônia, circulando durante exactamente un siglo.

Palabras clave: Historia. Memoria. Prensa. Rondônia.

Introdução

O jornalismo é pensado como primeiro rascunho da história e da memória coletiva, uma vez que os profissionais trabalham, cotidianamente, com o registro e a difusão dos acontecimentos da atualidade, apresentando aquilo que consideram preponderante para determinada sociedade e naquele momento. O passado é utilizado ainda para tratar dos eventos atuais, sobretudo para que se tenha uma compreensão ampla e profunda dos fatos e dos acontecimentos, abordando o máximo da sua complexidade. Os historiadores passam a encarar as produções jornalísticas como fonte histórica e memorial de um espaço e um tempo determinado, não desconsiderando as suas intencionalidades. A ligação entre a memória e o jornalismo acontece no processo de produção deste; se o jornalismo enfatiza o atual em sua rotina, não poderia se relacionar mais adequadamente com a memória, pois, mesmo que olhe para o passado, ela é um presente singular e concreto com vistas ao que já não existe. O jornalismo transforma essa atualidade no primeiro registro do que será, no futuro, um passado. O arquivamento e a indexação dessa produção cotidiana se perfazem como memórias midiáticas e coletivas, tornando-se documentos de um período histórico, uma rede complexa de recordações e esquecimentos desses tempos que já não estão mais presentes.

A historiografia de Rondônia tem sido periodizada em Ciclos Econômicos. Embora não haja consenso sobre esta abordagem, é a mais frequente na bibliografia disponível, com os Ciclos da Borracha (1870-1945), da Mineração (1950-1970) e da Colonização (1970-2010), sendo os mais recorrentes e parecendo indicar uma maior





convergência entre historiadores e pesquisadores de diferentes ciências sociais (CEMIN, 1992; TEIXEIRA, 1996; COLFERAI, 2009). O último ciclo possui como referência o encerramento do mandato de Ivo Cassol (2003-2010) como governador de Rondônia, tornando-se, com Valdir Raupp (1995-1999) e José de Abreu Bianco (1999-2003), um dos imigrantes que alcançaram o cargo político máximo do Estado, consolidando a ascensão desse grupo. Um Ciclo das Bandeiras, nos séculos XVII e XVIII (TEIXEIRA; FONSECA, 1998; OLIVEIRA, 2007), e um Ciclo das Usinas (2008-2016), referente à construção das usinas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, também começam a despontar. A discussão corrente, cuja premissa é assumida pelos autores, é de que os ciclos das Bandeiras e das Usinas não tiveram influência duradoura na configuração dos espaços populacionais e sociais da Rondônia contemporânea, de modo que não estão sendo considerados neste trabalho.

A segmentação da história da imprensa rondoniense a partir dos três ciclos principais parece ser adequada, uma vez que o surgimento e, em vários casos, a manutenção da circulação de jornais, é condicionada pela presença de recursos econômicos e crescimento populacional proporcionados pelos distintos períodos de desenvolvimento de Rondônia. De modo particular, consideramos que os jornais funcionam como uma memória coletiva de uma cidade ou um estado, especialmente nos casos dos diferentes ciclos de desenvolvimento aqui trabalhados. Essas publicações adquirem posição de relevância porque as memórias são transmitidas por meio delas, agindo como o veículo que transmite, com menor distância temporal dos acontecimentos, o conhecimento e as percepções sobre o passado e o presente. Este texto tem como objetivo apresentar os principais jornais impressos de Rondônia, como agentes e fontes em cada período histórico, evidenciando quais deles são essenciais para se contar a história do Estado, considerando a capital e as cidades do interior.

Jornalismo como memória

A relação do jornalismo com a memória acontece no seu ato, na sua prática. Ainda que a sua real preocupação não seja com o passado, mas com a atualidade, o seu trabalho com a cobertura do presente se torna uma memória da sociedade. Zelizer (2008) defende que historiadores confiam e valorizam a perspectiva dos jornalistas como um tratamento orientado do presente, mais preocupados em fixar uma narrativa do passado durável, confiável e precisa do que com as variações e as contradições que





surtem ao longo de todo o processo de registro informativo. Segundo Ferreira e Gomes (2014, p. 10), “os periódicos são fontes magníficas para os historiadores que quase sempre os utilizam, com abundância, quando fazem suas pesquisas”. Se continua com seu potencial influenciador nas narrativas históricas, o jornalista é um agente privilegiado dessa construção, pela seleção das memórias pessoais ou grupais que serão disseminadas. A memória produzida pelos jornalistas se insere na memória midiática, mais ampla e abrangente.

O jornalismo é considerado um “primeiro rascunho” da história e da memória coletiva, um registro inicial do que é tido relevante socialmente, a partir da perspectiva de uma instância de produção comunicativa em um espaço e tempo específicos. O ponto fulcral do jornalismo está nessa passagem do acontecimento para sua representação, do passado para sua presentificação (DALMONTE; FERREIRA, 2008). Os jornalistas utilizam o passado também para explicar os fenômenos contemporâneos. Para Walker (2006), as referências históricas passadas permitem interpretar a realidade atual sob alguma ótica específica. Até a primeira metade do século XX, as pessoas se interessavam apenas pelos acontecimentos que ocorriam dentro de suas províncias, portanto, qualquer ocorrência para além desses limites seria desconsiderada. Ainda que mudanças sejam patentes, o desejo pela produção e as memórias parte daqueles que estão mais próximos aos acontecimentos históricos (MARTINS, 2013).

A popularização do acesso aos arquivos e aos acervos dos jornais, anteriormente restritos a consultas dificultadas pela distância e pelo trabalho de reminiscência, concede a possibilidade de se relacionar a realidade com as atividades que permitem suas modificações, e o ciberespaço possibilita o acesso ao conhecimento para esta finalidade através de um conteúdo digitalizado (FIDALGO, 2004). A partir dessa perspectiva, o arquivo pode ser definido como um espaço onde se guardam e se armazenam as ações sociais e institucionais, relacionando a memória com um documento. Ele seria uma representação do passado graças à preservação e ao armazenamento da memória e das informações socialmente relevantes em contexto e época determinadas, pela externalização da memória humana com técnicas e tecnologias cada vez mais avançadas. A internet quebra a lógica tradicional desse arquivo, por meio da inclusão de hiperlinks e atualização dos conteúdos, que, antes, uma vez gravados na memória, não podiam ser alterados (MARTINS, 2013, 2020). O arquivo compreendia um repositório estático de conteúdos e artefatos, com a





dinamicidade relegada às marcas temporais que neles se acometiam.

O jornalismo e a memória se tornaram praticamente impossíveis de dissociar. Ele necessita da memória para relatar os acontecimentos e fatos públicos, bem como a memória precisa da prática jornalística para fornecer um esboço sobre o passado. A potencialização dos recursos mnemônicos já se tornou ordinário e comum, como se fossem inseparáveis. Esse papel do jornalismo é tão fundamentalmente próprio que, mesmo havendo falsificação e contradição de informações, a produção continua a existir e edifica, ainda assim, a memória cotidiana. Para Ribeiro e Ferreira (2007), uma das funções da mídia e do jornalismo é apontar aquilo que deverá ser recordado no futuro, ou seja, entre todos os acontecimentos atuais, apenas alguns são escolhidos como possuidores de relevância histórica.

Ainda que o jornalista não perceba, a memória é uma característica inerente à sua prática, e o olhar do profissional sempre se volta ao passado, de maneira mais superficial ou profunda. O passado serve não apenas como um momento para comparação, analogia e nostalgia, porém, funciona como um convite para a reparação desses acontecimentos que se foram. Os meios de comunicação não só preservam as informações de uma determinada época e lugar, colaborando para a constituição de um patrimônio histórico e social de valor inestimável, como ajudam a valorizar a memória. Essas duas funções contribuem para a tradução identitária de um jornal por meio de sua linha editorial e para a ilustração de algumas narrativas históricas e memórias de uma sociedade de determinado período, como observado em muitos veículos rondonienses que surgem e desaparecem por questões políticas.

Rondônia como território do passado

O Território Federal do Guaporé surgiu oficialmente em 1943, tornando-se, depois, em 1956, o Estado de Rondônia. A delimitação aconteceu em função da presença da exploração da borracha no médio e no alto Rio Madeira e nos vales de seus diferentes afluentes e formadores. Mesmo com o final dos períodos de maior pujança da borracha, na década de 1940, alguns jornais se mantiveram e outros surgiram no contexto da manutenção das estruturas administrativas do território federal na fronteira com o Estado boliviano, tendo como cenário uma sociedade que tinha na economia da mineração sua principal atividade. Nesse período, que segue até os primeiros anos da década de 1970, a população de Rondônia era rarefeita e se concentrava em duas





idades, Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia e às margens do rio Mamoré, e Porto Velho, no médio rio Madeira. As duas cidades eram os pontos extremos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), surgida no período áureo da exploração da borracha amazônica – com as obras entre 1907 e 1912, dando origem à cidade de Porto Velho (OLIVEIRA, 2007). Foi nesse contexto, e em função da importância estratégica que a região assumiu na política conhecida como Imperialismo Brasileiro, implementada por Getúlio Vargas, que foi criado o Território Federal do Guaporé.

A perda de valor da borracha amazônica no mercado internacional, em função da concorrência das plantações de seringa do sudeste asiático, fez, desde a década de 1920, com que diminuísse o fluxo de capitais para as cidades do Norte brasileiro. O período de retomada aconteceu durante a 2ª Guerra Mundial, em função do domínio japonês nos seringais asiáticos (BENCHIMOL, 1977). Com o final da guerra, a exploração dos seringais nativos da Amazônia sofreu sua derradeira derrocada. Como a economia da região era baseada na borracha, as atenções voltaram-se para outro lugar: a mineração. Garimpos de ouro, cassiterita e pedras preciosas, principalmente, deram o tom da economia local nas décadas de 1950 e 1960. Pelas características da atividade, ainda que existisse injeção de recursos, não houve incremento no povoamento e nem um duradouro impacto nos cenários social e econômico de Rondônia (TEIXEIRA; FONSECA, 1998; COLFERAI, 2009).

É a partir do início da década de 1970 que o Território Federal de Rondônia passa por profunda transformação. O deslocamento de milhares de imigrantes do centro-sul brasileiro, incentivados por uma política oficial do governo federal para a ocupação do oeste do país, começa a de fato alterar os cenários locais. A propaganda oficial anunciava terras gratuitas e infraestrutura para o cultivo e escoamento da produção, com *slogans* como *Uma terra sem homens, para homens sem-terra* e *Integrar para não entregar*, prometendo a distribuição de terras para aqueles que se deslocassem para a Amazônia (OLIVEIRA, 2007; SOUZA, Carla, 2001). Rapidamente arrendatários, meieiros e trabalhadores urbanos de diversos estados, com destaque para Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, convergiram para Rondônia atraídos pela possibilidade de se tornarem proprietários rurais. A região teve, ao longo de duas décadas, um crescimento populacional próximo a 1000%. Os números absolutos desse período mostram que em 1970 a população do estado era de 111 mil habitantes e chegou a 1,13 milhão em 1991 (PERDIGÃO; BASSEGIO, 1992).





A estratégia do governo federal, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) – que recebeu a responsabilidade de gerir o assentamento da população que se deslocava –, foi alocar os imigrantes em diferentes pontos do território. Para isso implementou os Projetos Integrados de Colonização (PIC), que criavam uma malha viária aberta para dar acesso aos lotes onde os colonos seriam assentados, com um centro urbano planejado para dar apoio à população rural (BECKER, 1991). Todos os centros urbanos inaugurados pelo Incra tornaram-se cidades, e, na área de cada um dos cinco PICs, atualmente se localiza ao menos uma das dez cidades mais importantes de Rondônia. Houve ainda a implantação de dois Projetos de Assentamentos Dirigidos (PAD), voltados para a comercialização de terras e implantação de lavouras extensivas. O fluxo migratório, no entanto, mostrou-se maior que o esperado pelos organismos estatais e mais duradouro que o previsto. Ainda no final da década de 1970 foram implementados os Projetos de Assentamento Rápidos (PAR), para dar conta da quantidade de pessoas que chegavam em busca de terras, e no princípio da década de 1990 assentamentos eram instalados (CEMIN, 1992; COLFERAI, 2009).

O cenário e as conjunturas populacionais, políticas e econômicas de Rondônia se alteraram profundamente com a colonização agrícola. O Território Federal era composto por dois municípios, Guajará-Mirim e Porto Velho, até 1977, quando são criados cinco novos: Ariquemes, Ji-Paraná, Vilhena, Pimenta Bueno e Cacoal. Em 1981, Rondônia se torna Estado. No final da década de 1980, eram 24 municípios – atualmente, são 52 (COLFERAI, 2009). O impacto representado pela expansão das estruturas administrativas, pela distribuição populacional e pela mudança na matriz econômica a partir da colonização faz de Rondônia um espaço *sui generis* entre os estados da Região Norte. É o resgate da memória desses processos, que significaram também embates com modos de vida tradicionais – indígenas e caboclos, principalmente – frente à chegada da população migrante com a alteração dos ambientes da floresta para a implementação da pecuária e da agricultura, que pode ser feito a partir da recuperação da história e dos acervos da imprensa de Rondônia do século XX, especialmente do período que coincide com as profundas transformações provocadas pela sua colonização agrícola.

Os jornais impressos que circularam nesse período de formação do Estado no século XX são – para além da percepção de que o jornalismo, ao tempo em que registra o cotidiano, converte-se em documento fundamental para a reconstituição histórica de





uma sociedade – eles mesmos produtos desse processo. Com esta premissa como pano de fundo, o que apresentamos neste momento é a ligação entre o surgimento de periódicos impressos em Rondônia com as motivações políticas, econômicas e sociais da sociedade rondoniense em seus diversos e distintos períodos de formação. Esses periódicos são, ao mesmo tempo, agentes históricos e fontes para a apreensão dos processos que ali tiveram lugar.

Jornalismo nas Terras de Rondon

O primeiro passo para apresentar uma memória da imprensa e uma história de Rondônia a partir dos periódicos que circula ou circularam no Estado é identificar os títulos de jornais e os contextos nos quais estão inseridos. Uma primeira mirada para esse cenário nos impele a apontar três períodos distintos, mas certamente complementares e coincidentes com os períodos históricos de Rondônia apresentados acima, fundamentais para uma reconstituição da trajetória da imprensa. O período inicial refere-se à *Imprensa da Borracha*, que alcança as primeiras publicações, a partir de 1891, até o final do Segundo Ciclo da Borracha, no princípio da segunda metade da década de 1940.

O momento seguinte pode ser nomeado *Imprensa do Território* e começa com a manutenção do Território Federal do Guaporé como parte da política de ocupação de espaços vazios pelo Estado Brasileiro, implementada pelo Estado Novo, em 1946. Compreende os periódicos que circularam até a criação dos primeiros municípios no contexto da colonização agrícola, em 1977.

O período seguinte é o da *Imprensa da Colonização*, que destaca os periódicos surgidos a partir do incremento populacional da imigração na década de 1970, efetivando-se com a ampliação das estruturas político-administrativas a partir de 1977 e com a transformação de Rondônia em Estado, em 1982. O período segue até a derrocada dessas publicações, com o ano de 2015 como data de referência, quando o jornal *Estadão do Norte* deixa de circular.

A *Imprensa da Borracha* é o primeiro período da imprensa em Rondônia, inaugurado com a criação do *Humaythaense* (1891-1917), impresso na cidade de Humaitá, atualmente no Estado do Amazonas, e financiado pelo seringalista José Francisco Monteiro. O jornal se posicionava como uma publicação voltada para o médio rio Madeira até a cachoeira de Santo Antônio, já no território atual de Rondônia





(COLFERAI, 2017). No final da primeira década do século XX, a cidade de Santo Antônio começa a ganhar importância em função da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, quando é impresso o periódico *Extremo Norte* (1913-1916*³), o primeiro em língua portuguesa a circular na área do atual estado de Rondônia. A importância de Santo Antônio é, gradativamente, transferida para Porto Velho, lugar próximo e onde se instala a principal estação.

É a partir da estação ferroviária e no entorno da vila de funcionários que surge a cidade de Porto Velho, onde começa a circular *O Município* (1915-1917). A partir da estrutura deixada por este, e com a atuação de pessoas que nele trabalhavam, passa a circular o *Alto Madeira* (1917-2017), que seguiu em atividade durante todo o século XX, deixando de existir no ano de seu centenário. É também desse período o jornal *O Madeirense* (1917-1931*) e *A Gazeta* (1922-1931). Figura central nos primeiros anos da imprensa rondoniense, Joaquim Augusto Tanajura instalou *O Município* e foi o primeiro proprietário do *Alto Madeira*, publicações que tiveram papel relevante em carreira política de Tanajura, que foi prefeito das cidades de Santo Antônio, Porto Velho e Manaus, e deputado estadual e governador do Amazonas (VITAL, 2011).

Ainda na década de 1910, além dos primeiros jornais em língua portuguesa, funcionários da Madeira-Mamoré Railway Co. fizeram circular em Porto Velho, utilizando-se das impressoras da empresa dirigida pelo empresário estadunidense Percival Farquar (OLIVEIRA, 2007), três jornais em língua inglesa, *The Porto Velho Courier* (1909), *The Porto Velho Marconigran* (1910-1911) e *The Porto Velho Times* (1910). Essas publicações tiveram poucas edições e eram voltadas principalmente para os estadunidenses que estavam na região para as obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). O *Bilontra* (1912) é outro veículo que pode ter sido redigido em língua estrangeira, por trabalhadores italianos de orientação anarquistas.

Em língua portuguesa, durante o período da pujança da borracha, Porto Velho teve uma série de outras publicações com curta circulação, como *O Colette* (1915), *O Pun!...* (1916), *O Curumy* (1917-1918), *A Luz da Verdade* (1919) e *O Cometa* (1922) (COLFERAI, 2017). Do conjunto de publicações que circulou nesse período, entre 1891 e 1946, são fundamentais os periódicos *Humaythaense* e *O Madeirense*, pela possibilidade de traçar, com eles, uma linha cronológica dos acontecimentos do período

³ O sinal asterisco faz referência às datas imprecisas, quando existem divergências entre historiadores e outras fontes. A opção é indicar o ano mais provável para o evento indicado. Este recurso é usado em diferentes momentos do artigo.





na região entre Porto Velho e Guajará-Mirim. O *Alto Madeira* é outra publicação essencial, importância que mantém nos períodos subsequentes, especialmente pela possibilidade de investigação dos diferentes períodos da história de Rondônia ao longo do século XX e das primeiras décadas do século XXI.

A *Imprensa do Território* coincide com a volta, após a 2ª Guerra Mundial, do cenário de derrocada da borracha brasileira no mercado internacional e os primeiros tempos do Território Federal do Guaporé, com a disputa política pelo controle do território. Como cenário desfavorável para a economia baseada na borracha, a garimpagem se coloca como opção para a região, nas décadas de 1950 e 1960, até a proibição da mineração manual, em 1971. No entanto, o garimpo só é superado como atividade mais relevante do Estado a partir do início da imigração de agricultores do centro-sul do país, na década de 1970. Se por um lado há gradativa perda de importância estratégica da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, construída para garantir infraestrutura para o escoamento da borracha, por outro é sua estrutura administrativa que alicerça a burocracia do território.

O primeiro governador do Guaporé, indicado por Getúlio Vargas, em 1943, é Aluizio Pinheiro Ferreira, ex-administrador da EFMM e principal mandatário local até o início da década de 1950⁴. Em 1954, Ferreira é derrotado por Joaquim Vicente Rondon – antigo aliado político – na campanha pela única vaga disponível ao Congresso Nacional. Com o resultado negativo nas urnas, Ferreira e seu grupo político fundam o jornal *O Guaporé* (1954-1994*) para fazer oposição à Rondon, que contava com o apoio do *Alto Madeira*. Nos anos seguintes, os dois jornais se concentrariam nas disputas entre Cutubas, correligionários de Ferreira, e Peles Curtas, apoiadores de Rondon (BORZACOV, 2013).

Este foi o cenário para o surgimento e para a manutenção de periódicos até a segunda metade da década de 1970. *O Guaporé* e o *Alto Madeira* monopolizaram o cenário e foram elementos importantes na disputa pelo poder político no território. Para além desses jornais, há notícias de apenas mais uma publicação durante o período: em Guajará-Mirim, circulou *O Imparcial* (1951-1986*) (LIMA, 2016; SOUZA, Cleicinéia, 2017). É nas páginas desses três jornais, agentes e fontes de registros históricos, que se

⁴ Já antes de ser nomeado governador do novo Território Federal, Aluizio Ferreira era a figura de maior relevo na região. Desde 1930 estava integrado à vida política do Alto Madeira e do Vale do Mamoré, primeiro como chefe de posto telegráfico – por ocasião da Revolução de 1930 chegou a ser cogitado como interventor no Estado do Pará –, depois como diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, cuja estrutura administrativa se confundia com a presença do estado nacional na região (TEIXEIRA; FONSECA, 1998).





encontram indicações dos processos do Território Federal, primeiro Guaporé, depois Rondônia, durante as décadas em que atendia mais a questões estratégicas do país na fronteira com a Bolívia do que propriamente em função da presença populacional na região ou de alguma relevância econômica (TEIXEIRA; FONSECA, 1998; COLFERAI, 2009).

A Imprensa da Colonização culminou com a chegada de centenas de milhares de imigrantes ao Território Federal de Rondônia, a partir da primeira metade da década de 1970, alterando completamente o cenário local. Essa colonização agrícola, marcada pela criação dos primeiros municípios no interior em 1977, marca o início dessa era da imprensa, que finda em 2015, junto ao *Estadão do Norte*, primeiro diário impresso surgido no contexto da imigração. De um território com apenas dois municípios no começo da década, Rondônia entra nos 1980 com nove cidades e, em 1982, é elevado à categoria de Estado, para, logo em seguida, em 1983, chegar a 16 municípios – até 1992 seriam 40 as cidades com autonomia administrativa (COLFERAI, 2009).

O acelerado processo de incremento populacional e de urbanização, ligado à distribuição de terras e assentamento de grandes contingentes migratórios, leva a uma consequente reconfiguração que faz surgir periódicos em todas as regiões de Rondônia, no final da década de 1970 e na primeira metade da década de 1980. Nesse período, os jornais são instalados nas cidades que funcionam como núcleos urbanos de referência para os projetos de colonização, seja os que distribuíam lotes, os PICs, ou aqueles que vendiam grandes propriedades, os PADs. Os periódicos, mais uma vez, respondem às demandas imediatas dos arranjos sociais, políticos e econômicos ali instalados, assumindo, novamente, o papel de agentes históricos, ao mesmo tempo em que registram esses processos.

Na capital, Porto Velho, o *Alto Madeira* segue circulando, até o início da década de 1980, como o principal periódico do Estado. Em 1976, no entanto, um novo jornal havia sido instalado, *A Tribuna* (1976-1992*). Em 1980, passa a circular também o diário *Estadão do Norte* (1980-2015), fundado pelo empresário, migrante mineiro, Mário Calixto. Ao longo da década de 1980, em Porto Velho, circulam ao mesmo tempo quatro periódicos: *Alto Madeira*, *O Guaporé*, *A Tribuna* e *Estadão do Norte*. Estes impressos da capital estão próximos às estruturas decisórias locais no período mais intenso da colonização agrícola de Rondônia, com a passagem de Território Federal para Estado, a criação de dezenas de municípios e os impactos da abertura política brasileira.



Na década seguinte, surge o *Diário da Amazônia* (1993-...), sob propriedade de Acir Gurgacz, político e dono da Empresa União Cascavel de Transporte e Turismo (Eucatur). Hoje, esse é o maior veículo impresso do Estado e faz parte do Sistema Gurgacz de Comunicação (SGC) (COLFERAI, 2009).

No interior de Rondônia, os periódicos começam a surgir a partir de 1976, como *A Palavra* (1976-1980), na cidade de Ji-Paraná. Com o fechamento deste, começa a circular *A Gazeta de Rondônia* (1980-1987). Logo em seguida, surge o *Correio Popular* (1990-...), instalado pelo paulista Sandro Paio e ainda em circulação em 2019. Ainda em Ji-Paraná, é instalado o diário *Folha de Rondônia* (1999-2011), com circulação em todo o Estado. Em Guajará-Mirim, a cidade mais antiga de Rondônia, surge o jornal *O Mamoré* (1988-...). Em Ariquemes, passa a circular *O Parceleiro* (1979-1988), fundado pelo jornalista baiano Osmar Silva, que havia chegado em Rondônia para tornar-se plantador de cacau e também foi responsável pela criação de *A Gazeta de Rondônia*, em Ji-Paraná (OSMAR, 2013). No começo da década, começa a circular em Cacoal a *Tribuna Popular* (1980-...), jornal que se mantém em atividade em 2019 e fundado pelo imigrante catarinense Odair Perin, na região por causa da propaganda oficial sobre a distribuição de terras (PERIN; COLFERAI, 2011).

Os periódicos surgidos nesse período nas recém-criadas cidades do interior de Rondônia apresentam algumas características comuns. De modo geral, são publicações que rapidamente assumem o papel de porta-voz das nascentes elites políticas e econômicas locais, servindo até de espaço de divulgação de atos oficiais dos novos municípios. Existe ainda uma série de publicações lançadas para fazer frente aos posicionamentos assumidos pelos periódicos acima elencados, principalmente em épocas eleitorais. Um dos lugares em que essa dinâmica se mostra mais evidente é a cidade de Vilhena, que, desde a primeira metade da década de 1970, se converteu no núcleo urbano de referência para o PIC instalado na região sul de Rondônia.

A partir da iniciativa de Valdir Bier e Ivan Martinovski, ambos imigrados da região Sul do país, o município tem a publicação do *Impacto* (1979-1981). No mesmo período, surge o *Ronda* (1980-1983), fundado pelos também imigrantes sulistas Arlindo Carelli, José Pedro Treis e Albino Woberto, periódico que teve desde o princípio a proposta de dar voz a grupos políticos locais. Em 1983, o jornal é vendido e passa a circular com o nome *Folha de Vilhena* (1983-2016). Por curto período, este jornal tem a concorrência da *Gazeta de Notícias* (1985-1993), fundada pelo jornalista carioca Ivanir

Aguiar, migrado para Rondônia para trabalhar com o governo do Estado e também responsável pela instalação do *Ronda*. A *Folha de Vilhena* e a *Gazeta de Notícias* deram vozes a grupos políticos locais adversários, às vezes fazendo circular no mesmo dia manchetes flagrantemente opostas referentes ao mesmo episódio (COLFERAI, 2016). Outros três longevos periódicos, considerando-se as realidades locais, surgem nas décadas seguintes em Vilhena, o *Folha do Sul* (1993-2019), o *Correio de Notícias* (2002-2014) e o *Extra de Rondônia* (2004-2009), este idealizado por Orlando Caro e Esteban Vera, imigrantes peruanos que trabalhavam no *Folha de Vilhena*.

Nas décadas de 1980 e 1990, surgiam e desapareciam jornais rapidamente; com pouco tempo de circulação e baixa tiragem, eram chamados “perna de cobra”, segundo o jornalista Ivanir Aguiar. Os seus objetivos e as razões para deixarem de circular eram os mais variados. Quanto aos objetivos, na maior parte dos casos atendiam a interesses políticos de diferentes grupos partidários e, cumprido o período eleitoral, deixavam de circular (COLFERAI, 2016). Em Vilhena, talvez a cidade onde esse cenário foi mais evidente, circularam *O Regional* (1983), *Parecis* (1984), *Jornal do Oeste* (1983-1984), *Correio da Amazônia* (1996) e *Expressão* (2000). Há ainda que se destacar que as conjunturas locais das cidades do interior de Rondônia raramente permitiam a sustentação econômica de mais de um periódico ao mesmo tempo – salvo nos casos em que o financiamento atendia a objetivos políticos. O Quadro 1 demonstra que quase não existe mais do que um jornal longo circulando ao mesmo tempo em uma cidade do interior de Rondônia.

Quadro 1 – Principais jornais nos ciclos de desenvolvimento de Rondônia.

IMPrensa DA BORRACHA – 1891-1946		
Periódico	Cidade/Estado	Período de circulação
O HUMAYTHAENSE	HUMAITÁ-AM	1891-1917
O MADEIRENSE	PORTO VELHO	1917-1931*
ALTO MADEIRA	PORTO VELHO	1917-2017
A GAZETA	PORTO VELHO	1922-1931
IMPrensa DO TERRITÓRIO – 1946-1977		
Periódico	Cidade/Estado	Período de circulação
ALTO MADEIRA	PORTO VELHO	1917-2017
O IMPARCIAL	GUAJARÁ-MIRIM	1951-1986*
O GUAPORÉ	PORTO VELHO	1954-1994*

IMPREENSA DA COLONIZAÇÃO (IMIGRANTE) – 1977-2015		
Periódico	Cidade/Estado	Período de circulação
ALTO MADEIRA	PORTO VELHO	1917-2017
O GUAPORÉ	PORTO VELHO	1954-1994*
A TRIBUNA	PORTO VELHO	1976-1992
ESTADÃO DO NORTE	PORTO VELHO	1980-2015
DIÁRIO DA AMAZÔNIA	PORTO VELHO	1993-...
O MAMORÉ	GUAJARÁ-MIRIM	1988-...
O PARCELEIRO	ARIQUEMES	1979-1988
A PALAVRA	JI-PARANÁ	1976-1980
A GAZETA DE RONDÔNIA	JI-PARANÁ	1980-1987
CORREIO POPULAR	JI-PARANÁ	1990-...
FOLHA DE RONDÔNIA	JI-PARANÁ	1999-2011
TRIBUNA POPULAR	CACOAL	1980-...
RONDA	VILHENA	1980-1983
FOLHA DE VILHENA	VILHENA	1983-2016
GAZETA DE NOTÍCIAS	VILHENA	1985-1993
FOLHA DO SUL	VILHENA	1993-2019
CORREIO DE NOTÍCIAS	VILHENA	2002-2014
EXTRA DE RONDÔNIA	VILHENA	2004-2009

Fonte: Elaboração dos autores.

Considerações finais

Os jornais impressos são fontes e agentes históricos das sociedades contemporâneas. Em Rondônia, que começa a se particularizar como parte integrante do território nacional somente no final do século XIX, o surgimento de veículos dessa natureza se confunde com a própria história do Estado. De modo semelhante à sua divisão histórica, a produção de jornais da região pode ser segmentada em três principais momentos: Imprensa da Borracha (1891-1946), Imprensa do Território (1946-1977) e Imprensa da Colonização (1977-2015). Enquanto os dois primeiros períodos possuem uma concentração de periódicos em torno da capital Porto Velho, o último apresenta uma pujança do jornalismo no interior, com destaques para as cidades de Ji-Paraná e Vilhena, com ao menos três grandes jornais de referência em cada município.

Esses veículos impressos respondiam às necessidades e às questões específicas desses lugares. Em razão disso, assumiram o papel de agentes históricos profundamente envolvidos com seus contextos, o que torna necessário identificar as linhas temporais de



atuação dos periódicos em cada região dentro do Estado, e aqueles que, potencialmente, podem ser tomados como fontes para recuperar a memória do período. Nesse cenário, destaca-se o *Alto Madeira*, ao atravessar, de modo ininterrupto, todos os momentos históricos do desenvolvimento de Rondônia, circulando por exatamente um século. Se consideramos, de fato, que o século 21 representa o fim da Imprensa da Colonização, é necessário evidenciar o crescimento dos *sites* jornalísticos, predominantes e abundantes na região, especialmente no interior do estado. Dos mais de 150 jornais na web, em torno de 25 estão na capital.

Hoje, a existência de praticamente só um jornal impresso em cada uma das maiores cidades de Rondônia contrasta com a valorização das produções na internet. As mídias digitais, por sua vez, permitiram um maior desenvolvimento das estratégias de preservação e de acesso dos documentos produzidos diariamente por jornalistas. A internet e a digitalização ensejaram uma organização e estrutura de base de dados proporcionada pelas tecnologias digitais, com gravação, duplicação, armazenamento, transmissão e acesso se tornando mais barato, fácil e rápido, com novas funções de registro, organização e reprodução. Nessa conjuntura, os veículos impressos, do passado e atuais, ganham novos destaques. Em Rondônia, destaca-se a criação, em 2013, do Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa (NIMPI) do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), o repositório com mais de mil edições digitalizadas dos jornais *Alto Madeira*, *Correio Popular* e *Tribuna Popular*.

Referências

BECKER, Bertha. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1991.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BORZACOV, Yêdda Pinheiro. Cutubas e Peles-Curtas. **Gente de Opinião**, Porto Velho, 17 jun. 2013. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/yedda-pinheiro-borzacov/cutubas-e-peles-curtas>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CEMIN, Arneide. **Colonização e natureza**: análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola de Rondônia. 1992. Dissertação (Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

COLFERAI, Sandro. Entre trilhos e barrancos: a primeira fase da imprensa em Rondônia. In: MUNARO, Luís (org.). **Rios de palavras**: a imprensa nas periferias da Amazônia (1921-1921). Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 179-204. Disponível em: <https://www.editorafi.org/108luismunaro>. Último acesso em: 22 jun. 2020.



COLFERAI, Sandro; NICOLIELO, Nicola. Políticos e imigrantes: os primeiros anos da imprensa em Vilhena-Rondônia (1975-1995). **Revista Observatório**, Palmas-TO, v. 2, n. 5, set.-dez. 2016. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3047/9368>.

Último acesso em: 22 jun. 2020.

COLFERAI, Sandro. **Jornalismo e identidade na Amazônia**: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações culturais de Rondônia. 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2192>. Último acesso em: 22 jun. 2020.

DALMONTE, Edson; FERREIRA, Giovandro. Webjornalismo, critérios de noticiabilidade e efeitos de sentido. **Comunicação: Veredas** (Unimar), ano 7, n. 7, p. 117-135, nov. 2008. Disponível em:

https://www.unimar.br/biblioteca/publicacoes/2009/veredas_7.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela. **1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FIDALGO, António. Sintaxe e semântica das notícias online: para um jornalismo assente em base de dados. *In*: LEMOS, André; PRYSTON, Angela; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de (org.). **Mídia.Br**: Livro da XII Compós - 2003. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 1-9.

LIMA, Danielle. **Temas culturais de Porto Velho na coluna de jornal “Lenha na fogueira”, de Zé Katraca**. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016. Disponível em: <http://www.mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/Dissertacoes%20defendidas/Turma%202014/6.%20Danielle%20Constantino%20Temas%20culturais%20de%20Porto%20Velho%20na%20coluna%20de%20jornal%20Lenha%20na%20Fogueira.pdf>. Último acesso em: 22 jun. 2020.

MARTINS, Allysson. **Jornalismo e guerras de memórias nos 50 anos do golpe de 1964**. Porto Velho: EDUFRO, 2020.

MARTINS, Allysson. **De volta ao passado nos dez anos do 11/09**: tessitura da memória em uma nova ecologia das mídias. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2013.

VITAL, André Vasques. **Comissão Rondon, política e saúde na Amazônia**: a trajetória de Joaquim Augusto Tanajura no Alto Madeira (1909-1919). 2011. Dissertação (História das Ciências e da Saúde) – Fundação Osvaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19749/2/100.pdf>. Último acesso em: 22 jun. 2020.

OLIVEIRA, Ovídio. **Desenvolvimento e colonização do Estado de Rondônia**. 6. ed. Porto Velho: Dinâmica, 2007.

SANTOS, Silvio. Osmar Ferreira da Silva: fundador e editor do jornal O Parceleiro. Entrevista. **News Rondônia**, 08 dez. 2013. Disponível em: <https://www.gentedeopiniao.com.br/colunista/silvio-santos/osmar-ferreira-da-silva-fundador-e-editor-do-jornal-o-parceleiro>. Último acesso em: 22 jun. 2020.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes amazônicos-Rondônia: trajetória da ilusão**. São Paulo: Loyola, 1992.

PERIN, Giliane; COLFERAI, Sandro. Um jornal na fronteira da colonização da Amazônia: 30 anos do Tribuna Popular. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. 8., Guarapuava, 2011. [Anais...]. Guarapuava-PR: Alcar, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Um%20jornal%20na%20fronteira%20da%20colonizacao%20da%20Amazonia%202013%2030%20anos%20do%20Tribuna%20Popular.pdf/view>. Último acesso em: 22 jun. 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SOUZA, Carla. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SOUZA, Cleicinéia. **Entre o evangelho e o ensino rural: educação feminina no Instituto Nossa Senhora do Calvário (Vale do Guaporé/Guajará-Mirim MT/RO 1933-1976)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, 2017. Disponível em: http://ri.ufmt.br/bitstream/1/1989/1/DISS_2017_Cleicin%C3%A9ia%20Oliveira%20De%20Souza.pdf. Último acesso em: 22 jun. 2020.

TEIXEIRA, Carlos. **Seringueiros e colonos: encontro de culturas e utopias de liberdade em Rondônia**. 1996. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

TEIXEIRA, Marco; FONSECA, Dante. **História regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 1998.

WALKER, Karen. Analyses of post-9/11 media coverage – a review of the communications literature. **Rhetorical Lens**, 2006. Disponível em: http://www.rhetoricalens.info/images/911_media_analyses.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. **Memory Studies**, v. 1, n. 1, p. 79-87, 2008.

Submetido em: 30.06.2019

Aprovado em: 01.06.2020